Lelé
O Sapo
Maluquinho
Gilson Martins
virtualbooks

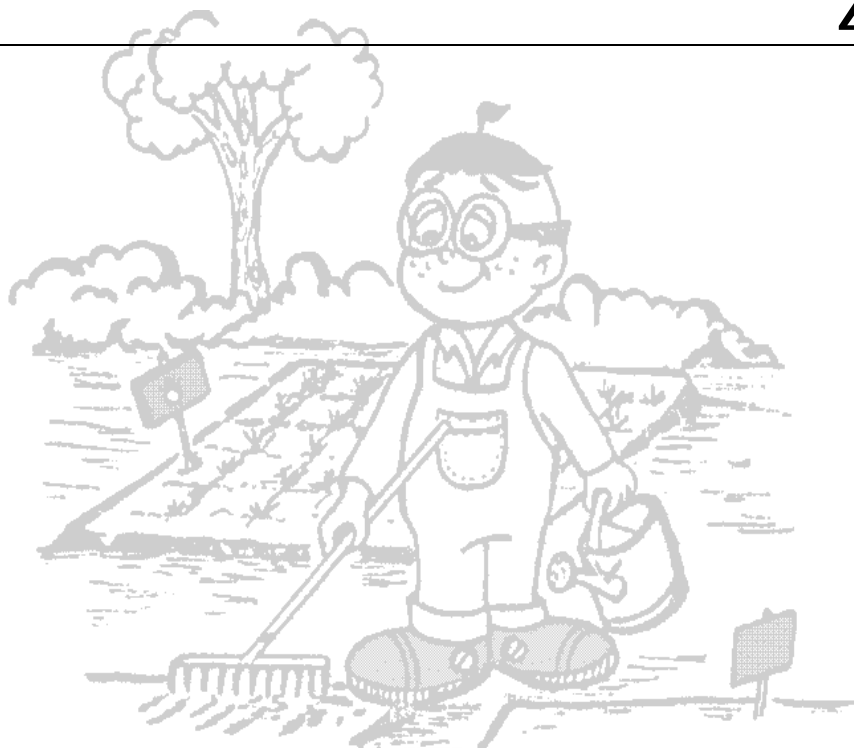
Lelé, o Sapo Maluquinho

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br**
Estamos à espera do seu e-mail.

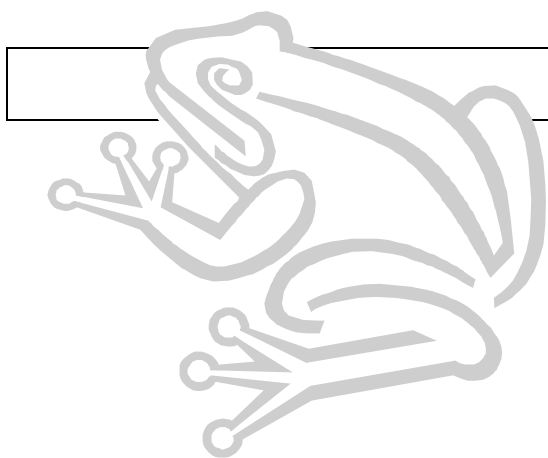
www.terra.com.br/virtualbooks

Lelé, o Sapo Maluquinho

Zezé é um menino muito bonzinho, só lhe falta um par de asinhas para se tornar um anjinho. Sabe quantos anos ele tem? Uma mão cheia e mais dois dedinhos. São sete aninhos de muitas aventuras e travessuras. Zezé é super ativo: gosta de estudar, jogar vídeo game, brincar no computador e ajudar a família em alguns afazeres domésticos. Aos domingos vai com os pais e o irmão ao

clube, jogar bola e nadar. Nas férias, quando há vento, se diverte com os amiguinhos empinando pipas coloridas, longe da rede elétrica.

Zezé e sua mãe cultivavam uma hortinha no fundo do quintal. Plantaram algumas verduras: couve, alface, almeirão, espinafre e legumes como: tomate, cenoura, beterraba, abóbora, chuchu, cebola... Semearam também algumas sementes de jiló, apesar de detestá-los por serem amargos. O pequeno lavrador regava, adubava e arrancava os matinhos e ervas daninhas com carinho. Assim, com o passar do tempo a horta produziu tanto que chegou a reforçar as finanças da família, vendendo os frutos para o sacolão do bairro. Zezé aprendeu na escola que crianças que comem verduras e legumes são fortes, inteligentes e saudáveis. Portanto as hortaliças não devem faltar na alimentação, pois renovam o sangue prevenindo a desnutrição e o raquitismo.

Diziam alguns que Zezé conversava com as plantinhas. O seu vizinho, o velho Marião, comentou certa ocasião com o seu cão:

- Este menino é mesmo maluquinho, onde já se viu conversar com um pé de couve!

O **FUGITIVO**

Numa tarde úmida a hortinha foi invadida por um ser indesejado: um sapo. Não um sapo comum destes que

você conhece, mas, uma espécie talentosa, pode se dizer única. Este bicho danado foi famoso, trabalhou num circo como trapezista. Fugiu do circo e foi refugiar-se na horta. Os circenses procuraram-no em todos os brejos e charcos, jamais imaginaram encontrá-lo entre verduras e legumes. Distribuíram cartazes com sua foto pela imprensa e lugares públicos, anunciaram uma polpuda recompensa para quem desse alguma notícia sobre o fugitivo. Apareceram tantas informações erradas, tantos sapos, nem um deles, claro, era o legítimo. Até a policia foi acionada, sobre a suspeita de mais um seqüestro na cidade. O sapo era a maior atração e certeza do sucesso financeiro dos espetáculos do circo: Mundo Mágico.

Infelizmente, na horta o sapo não foi recebido com honras e satisfação. Pelo contrario, foi perseguido ferozmente pelo menino Zezé. Após um corre-corre, pula-pula (parecia até que estavam brincando de pegador), o sapo escondeu-se atrás de uma pedra, não sendo encontrado.

O sapo era muito escandaloso, coaxava a noite toda e tão alto que as folhas não podiam mais se desenvolver satisfatoriamente; não conseguiam repousar. Iniciou-se a agitada caçada ao pele verde. As hortaliças decidiram expulsá-lo para que a paz retorna-se ao pequeno reino vegetal. O pé de couve não perdeu a oportunidade, soltou uma folhada no sapo que seus olhos azuis contemplaram milhares de estrelinhas e bolhas de sabão. A cenoura deu-lhe uma cenourada que o monstrinho subiu como um míssil e esborrachou-se na propriedade do seu Marião. O velho estava tranqüilamente na varanda do seu barraco saboreando um cafezinho quando, de repente, levou um tremendo susto: tibummm! O sapo caiu dentro da xícara, esparramando o líquido quente na roupa esfarrapada do velhote. O sapo quase se afogou. Com esforço conseguiu saltar da xícara. Marião irritadíssimo lascou-lhe um tapão no pé do ouvido que por pouco não chegou no Japão. O danado bateu de encontro ao teto da varanda e caiu na

cabeça do velho. Como este não tinha um fio de cabelo dês de jovem, o sapo escorregou-se pela careca como se estivesse divertindo num escorregador do playground. Seu Marião furioso desabafou:

- Bicho do capeta, vou fazer de você uma peneira com esta minha peixeira!

Apoderou-se de uma faca toda enferrujada e avançou para furar o sapo. Este, quase sem fôlego, deu um espetacular salto triplo e foi parar novamente na horta. Ofegante, deitou-se entre as folhagens e adormeceu. Em meio ao sono profundo teve pesadelos. Imaginou-se outra vez no circo, ouvindo os berros e levando chicotadas do treinador Leôncio Carne de Cobra. Era um treinador frustrado e malvado. Sonhou ser famoso treinador de leões, acabou o resto da vida treinando sapos e outros bichinhos. Por motivo que quase teve a cabeça devorada por um felino gigante. Foi salvo por dois motivos: "O carnívoro estava com a pança cheia e não suportou o bafo de pinga da presa". O sapo tinha que aprender na marra aquelas babaquices todas durante horas e horas. Pular de trapézio em trapézio, dar mil e uma cambalhotas e se atirar na cama elástica. Quando realizava os treinos e os espetáculos com dedicação, recebia como recompensa um banquete destes de lamber os beiços: aranhas, grilos, lavras... Mas, quando não queria trabalhar ou não conseguia realizar certas façanhas, Leôncio não perdoava, explorava-o sem dó. Tinha o lombo cheio de marcas provocadas por varas. Foi no circo que recebeu o nome de Lelé e tornou-se conhecido, tendo seu nome e imagem impressos nas faixas e pôsteres promocionais, como a maior atração do show. Tinha boas recordações do público, aplaudindo-o em pé. Não sabendo os espectadores tamanho o sofrimento para chegar a tais performances.

Certa vez, apresentou-se num programa de televisão: "Tv Animal". Foi o maior sucesso, o ibope subiu nas alturas. Nesta ocasião uma donzela burlou a segurança, agarrou o sapo e o beijou ardentemente na boca. Um

destes beijos de soltar faíscas e pegar fogo. O sapo ficou roxo de vergonha, quase desmaiou. O apresentador interferiu: - “Porque beijar um sapo”! – A garota respondeu: - Imaginei que ao beijá-lo se transformaria no meu príncipe encantado, como vejo foi um engano – gritando e limpando os lábios, enojada. – Ele é um sapo do Paraguai!

Lelé balbuciava algumas palavras, revirava de um lado para o outro, rolando até aos pés da alface. Quando foi acordado pela alface:

- Sua peste danada, novamente aprontando toda esta algazarra? Desta vez não escapará das nossas raízes!

O sapo resolveu enfrentar a situação e preponderar com os vegetais. Rogando para que eles aceitassem a sua presença:

- Amigos e amigas, permita que eu viva entre vocês... não perturbarei ninguém, serei útil para a comunidade!

- Amigos e amigas é uma abobrinha! Para todos nós você é uma ameaça, um inimigo! Não o conhecemos, não o desejamos em nosso habitat, entendeu! – disse o espinafre agitando as folhagens.

- Bicho safado! Quer nos enganar, furar nossas folhas, comer nossos frutos, até tudo apodrecer e secar. Não queremos ser alimento de um ser horrível, nojento e atrevido. Nosso destino é ser alimento do menino Zezé! – comentou a beterraba, toda vermelhinha.

- Pelos poderes do verde, fuja enquanto há vida! Senão vamos degolá-lo e entregá-lo ao Zezé! – gritou de longe o almeirão.

- Não, não faça esta loucura! Vocês estão totalmente enganados ao meu respeito. Permitam que eu possa morar aqui, que não se arrependerão! Prometo não incomodar ninguém e proteger a todos. Podem contar com a força do supersapo! – disse o sapo ajoelhado de mãos juntas, suplicando aos céus.

- Como, como? – curioso, perguntou a almeirão.

- Podem confiar no velho amigo de guerra, não gosto de comer verduras e nem legumes! Gosto mesmo é de saborear os seus inimigos naturais, como os mosquitos, lagartas, gafanhotos, pulgões... Só em falar, minha boca enche d'água. Que delícia!

Quando o sapo acabou de lamber os beiços observou no ar uma mosca azul, zanzando. Numa velocidade fora do normal, Lelé lançou sua língua (como os guerreiros lançam suas lanças), agarrou o díptero e o devorou.

- Que alivio! Este inseto estava de muito incomodando os meus filhos, que são uns chuchuzinhos maravilhosos. Por mim você pode ficar conosco! – comentou a rama de chuchu, sobre o muro.

- Que linguão! Isto sim é que é uma língua grande, nossa! Depois dizem que eu sou linguaruda! Nem língua eu tenho! – exclamou a couve.

- Que porqueira! Você é um sapo-porco, seu lugar é no chiqueiro do velho Marião – desabafou dona cenoura.

- Nada disso, vizinha! É aqui que devo viver por um bom tempo... Serei o escudo e a espada de todos. Senão é vocês que irão ser jogados no chiqueiro como lavagem, engordando suínos. O menino Zezé não vai querer comer hortaliças estragadas por insetos e vermes.

- É certo! Quando estas coisas repugnantes penetram em nossas raízes e caules não há como defendermos, perdemos todas as proteínas até murcharmos. Sapo Lelé por mim você também pode ficar – explicou o tomateiro.

De repente, a couve começou agitar-se, contorcendo e gritando de dor:

- Socorro! Estou sendo atacado por um formigueiro! Estão picando todos os meus talos... socorrrrrro...

O sapo atirou-se novamente atrás da pedra, colocou nas costas um pedaço de plástico preto como se fosse a capa do Zorro e em seguida, pegou um palito de picolé imaginando ser uma espada e deu um salto para cima da couve, dizendo:

- Não se desespere, o vingador verde dos frascos e comprimidos está pronto para salvá-la com sua espada mágica contra estes monstrinhos picantes... Pelos poderes de todos os anuros, atacarrr!!!

Uma após uma, o sapo engoliu todas as formigas, depois caiu no chão de papo por ar e disparou a rolar, soltando fartas gargalhadas.

- O quê há? Acho que este bicho é um doido varrido! – exclamou o jiló.

Cessada a crise de riso, o sapo comentou:

- Está tudo legal! É que as formigas estavam fazendo cócegas dentro da minha barriga.

- Que sorte a minha ter você aqui! Estou muito grata por ter salvado minhas folhas! Meuuu herói! – toda dengosa e aliviada, agradeceu a couve.

Lelé não perdeu a oportunidade, armou um golpe teatral de mestre. Pegou suas coisinhas, fez uma trouxa com a sua capa, enfiou nela o palito e colocando-a no ombro e disse:

- Como não sou querido, devo partir pelo mundo, sem destino, sem lenço e documento – (enxugando algumas lágrimas de crocodilo.) – Quem sabe acabarei meus dias na boca do bicho papão. Adeus! Adeus!... – preparava-se para sair quando a cebola dirigiu-lhe a palavra:

- Enquanto catava seus bagulhos, realizamos uma assembléia extraordinária e decidimos que o amigo poderá ficar.

Lelé imediatamente jogou a trouxa para longe e como não era nenhum trouxa, deu varias cambalhotas e piruetas de satisfação. Beijou a todos, menos o jiló, como sempre amargo. Subiu na pedra como se estivesse num palanque, fez um juramento seguido de um discurso como se fosse um político:

- Nós os anfíbios anuros que, embora o inicio de nossa evolução ocorra na água, temos na fase adulta hábitos terrestres. Somos carnívoros e caçamos com a língua, ajudamos no progresso da agricultura. Prometo proteger

nosso pequeno reino vegetal, necessário for, até com a própria vida! Se for para o bem da nação, diga ao povo vegetal que fico! Palavra de sapo!

- Só há um detalhe... – interrompeu a alface.

- Qual?

- Você coaxa muito alto, não nos deixa dormir e incomoda até o menino Zezé!

- Não se preocupem, de agora diante vou cantar baixinho!

- Assim tá jóia!

No mesmo dia, Lelé pegou uma tampinha de Coca-Cola e colocou-a na cabeça e proclamou-se o rei do pedaço. Chegou de supetão até a couve e foi logo brincando:

- Senhorita couve, sabe porque o vovô Marião não é vampiro apesar de parecer?

- Acho que ele ainda não levou uma dentada do Drácula no pescoço.

- Não! É porque ele é banguelo.

- Sapinho, sabe como se faz um par de sapatos? – perguntou o tomate.

- Não!

- É só ajuntar um sapo com um pato e pronto: nasce um sapato – todos caíram no riso.

- Interessante! – exclamou Lelé, nada satisfeito com a piada.

- Interessante é carie em dente de elefante! – gracejou a cebola.

- Vocês sabem o que a banana disse ao tomate? – perguntou Lelé?

- Não! – responderam as hortaliças.

- Eu tiro a roupa e você é que fica vermelho! Ah... ah... ah... – todos caíram na algazarra menos o tomateiro.

- Quem ri por ultimo, ri melhor – comentou o sapo, satisfeito.

- Nada disso: Quem ri por ultimo é retardado! – comentou o jiló.

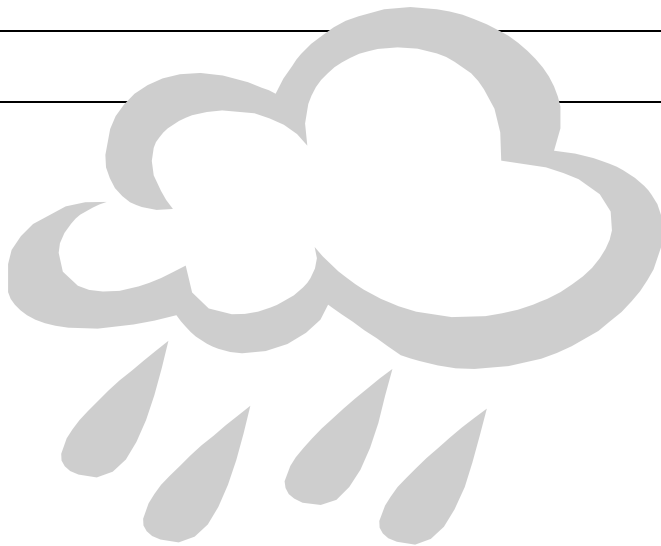
A conversa é interrompida com a chegada de Zezé, regando as folhagens e distribuindo atenção e conversando:

- Bom tarde, tomateiro! Quero em breve provar do seu fruto... Olá alface, que petitosa salada nos proporcionou ontem...

O sapo escondido entre as ramagens, de vez em quando levava aquela esguichada d'água fria.

Passados alguns dias, Lelé achou num terreno baldio uns óculos escuros. Então passou a usá-lo e se considerar um galã irresistível. Sapo trajando óculos esporte, com uma cara esquisita de malandro. Acredite se quiser!

E, como num final de histórias de fadas, todos ficaram contentes... até quando? Calma! Ainda há muito para narrar!...

A TEMPESTADE

No crepúsculo vespertino o céu perdeu todo encanto. Escurecendo-se com espessas e extensas nuvens negras. Trovões ensurdecedores... relâmpagos riscavam todo o espaço infinito. Não se podia contemplar uma estrelinha, nem tão pouco enamorar a lua. Não demorou cair uma tempestade de granizo destas de afogar peixes. As hortaliças encolheram-se amedrontadas. Os tomates e os chuchus se perderam na enxurrada. O aguaceiro foi tão forte que a energia elétrica faltou na cidade. Uma fagulha de um raio quase tostou o sapo. Lelé, atordoado, procurou abrigo debaixo de uma folha de couve. A folha não suportou o volume d'água partindo-se ao meio. O sapo caiu de boca numa poça e ingeriu tanta água que foi inchando, inchando... A sua barriga parecia com um balão. O barrigudo foi brutalmente arrastado pela alface para abaixo de suas folhagens.

Aos poucos a chuvarada foi cessando, cessando... O céu foi se abrindo como uma flor e as estrelas voltaram a brilhar, colorindo os olhos. Era preciso bastante trabalho para pôr a casa em ordem.

- Nossa senhora das hortas, que chuvão! – exclamou dona cenoura.

- Mais alguns minutinhos e tudo teria acabado, seriamos levados pelas águas ao córrego poluído. – comentou a beterraba, balançado o corpo para secá-lo.

- Aonde está Lelé? – perguntou o chuchu.

- Aqui, debaixo das minhas folhas – respondeu a alface, toda orgulhosa por ter socorrido o ensopado, arrastando o para fora – Pode sair seu folgazão...

- O que é isso? Só pode ser a bola de basquete dos extraterrestres que caiu com a chuva – gozou a beterraba, inclinando-se.

- Bicho, senão fosse este par de olhos esbugalhados saltando da cara, juro que jamais lhe reconheceria – comentou o jiló.

- Você está tão engraçado...

- Pare de debochar dona cenoura e ajude-me por favor, estou muito mal – murmurou Lelé que, com o peso da barriga não podia mais se locomover.

O chuchu lançou uma de suas ramas e agarrou o anuro pelas patas e o levantou para o alto, de cabeças para baixo, dando-lhe umas sacudidelas. Rapidamente todo o excesso de H_20 escorreu pela boca. Depois o atirou na lama.

- Que cacetada! Ver o mundo de cabeça para baixo dá uma dor de cabeça de rachar – comentou o sapo, aliviado – Ô chu, no barro não! Você deveria torcer a minha pele e colocá-la no varal para secar.

- Que danado! Parecia um leitão em véspera do natal e agora parece um bailarino. Ao invés de agradecer você está brincando, assim é demais! – bronqueou o jiló.

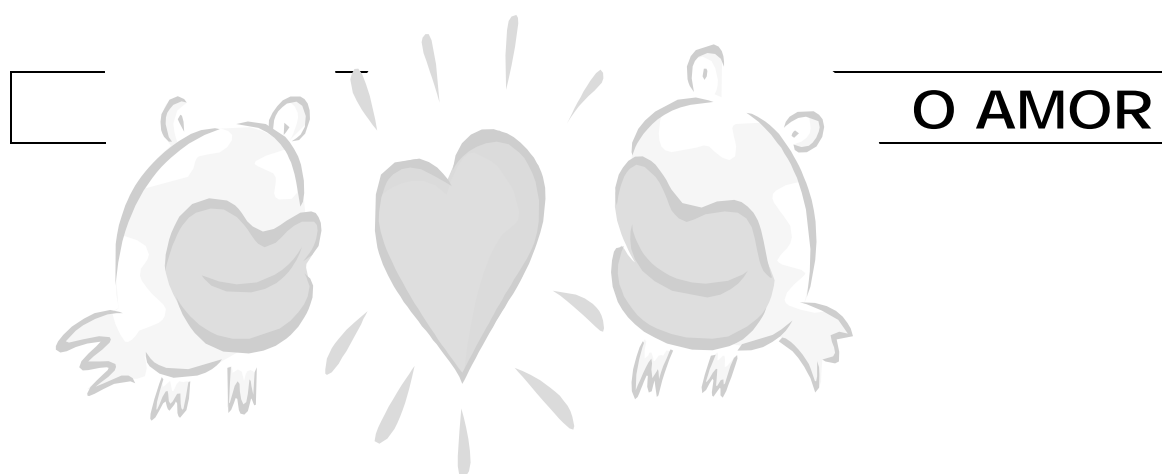
No quintal formou-se uma poça d'água, um minúsculo lago. Zezé construiu com uma folha de jornal um barquinho. Brincava de barqueiro, soprando o barquinho, agitando com as mãos e os pés a água. O batel navegava de uma margem a outra da poça, desenhando um sorriso de êxito no rosto do guri. Ouvindo os berros da mãe, retirou-se para realizar os deveres escolares. Lelé mais que depressa se apoderou do barquinho, adentro no mesmo. Que prazer! O sapo coaxava de felicidade remando o barquinho de um lado para o outro com o auxilio de dois palitos. Conseguiu não sei como, uma tira de pano preto e fez um tapa olho. Que cena engraçada, digna de um filme da Disney: um sapo pirata. Só faltou a pata de pau! Não demorou quase nada o barquinho umedeceu e se desfez. Lelé saltou em terra firme, gritando:

- Ah! Meu sonho foi realizado, por alguns instantes foi um pirata, o terror dos sete mares!

- Pirata você não foi e nem será, mas biruta você sempre será, seu cara de batata! – exclamou o jiló, como sempre amargo.

As hortaliças ficaram bastantes machucadas, arrasadas... Parecia até um campo de guerra. Com o

passar dos dias, a natureza tratou de recuperar tudo. Novamente a horta estava vistosa ao olhar e apetitosa ao paladar.

O AMOR

Os dias do calendário iam descendo vagarosamente... Como sempre Zezé atento a todos os detalhes. As verduras e os legumes produzindo-se abundantemente; o sapo na maior mordomia, alimentando-se com fartura. Tamanha era a vida boa que chegou a engordar algumas gramas. Acho que este cidadão deveria morar em Brasília, o lugar perfeito dos verdadeiros marajás.

Há momentos que mesmo um ser aparentemente tão insignificante sente-se sozinho na existência, com a solidão reinando no coração. Para curar esta angústia, só uma grande paixão. SapAdão cabisbaixo, abatido, deixou tudo para trás e partiu a procura de sua Eva. Numa encruzilhada, Lelé bateu de frente com um velho amigo do circo, Saponildo. Tentou fugir do flagrante mas não conseguiu, foi imediatamente reconhecido. Ambos se

abraçaram e conversaram bastante sobre o passado. Saponildo no circo se apresentava sobre pernas de pau. Hoje já amarrotado pelo tempo, não consegue andar normalmente, arrasta-se com dificuldade com ajuda de uma bengala. Lelé não gostou do papo quando saponildo lembrou de um fato, mas levou na esportiva:

- Você lembra-se de quando foi castigado, Leôncio o colocou para dançar no balé das pererecas americanas! O pior de tudo foi ver você de sapatilhas cor-de-rosa, sendo ovacionado pela platéia como a mais bela – saponildo não conseguia se conter e soltava deliciosas gargalhadas.

- É mesmo, foi um tremendo vexame! Este fato foi à gota d'água que faltava para eu fugir do circo. E você, continua no mundo circense?

- Não! Estou cansado, não consigo mais andar de perna de pau. Leôncio meteu o pé no meu traseiro. O maldito disse-me sorrindo que no circo não é asilo. Logo eu que em todas as seções ajuda engordar a conta bancaria daquele filho de uma boa mãe. Hoje eu vivo como andarilho, esperando uma sepultura...

- Se eu pudesse eu daria uma lição neste maldito que ele nunca mais iria sorrir – revoltado, Lelé socava o ar.

- Filho, procure arrumar um pé-de-meia e conquistar uma boa perereca e ter muitos filhos, para quando for idoso não ficar sozinho dependendo de piedade – quase chorando.

Despediram-se como se fosse o último encontro. Cada um tomou o seu rumo. Na estrada, Lelé não conseguia deixar de refletir nas palavras do amigo. Mas logo a frente encontrou uma gatinha, não agradou. Pois a bichana tinha as unhas muito afiadas. Analisou: - "Se ela passar as patas em mim vou virar fatias de mortadela". Em seguida, agradou de uma cadela e fingindo não querer nada se aproximou definho. Acabou no mato com cachorro, saltando mais que uma bola de ping-pong, driblando as mordidas do amante da cadela: um buldogue. Bem longe do cão, numa campina, cruzou os olhares com uma espécie

rara de gambá. Saiu sem trocar uma palavra, mas pensou: “Que catinga! Odeio fêmeas que não tomam banho!” Extenuado, deitou-se para relaxar na relva fresca, só não percebeu que estava debaixo de um cavalo corcel que lhe deu um coice daqueles do corpo ir e a alma ficar, o sapo cruzou a rosa-dos-ventos em frações de segundos. Desta vez foi contemplado com a sorte maior, foi aterrissar num brejo. Foi uma surpresa dos deuses, desabou-se de frente de uma belíssima perereca. Aconteceu o amor a primeira sapa. Que coisinha graciosa! Tinha na cabeça um laço amarelo, pele esverdeada de manchinhas brancas. Parecia uma torcedora fanática do Brasil em época de copa do mundo. Tomou o maior susto: sapo caindo do céu!

- Minha mãe, como você é linda! – exclamou Lelé, completamente apaixonado, com aquele olhar fulminante de peixe morto.

- Que sujeito gozado! – esbanjando charme a sapinha.

- Deixe-me apresentar, sou Lelé... – sacudindo a poeira do corpo todo dolorido.

- Encantada! Sou Xuxolina, conhecida por todos por Xuxa.

- Desejo casar-me contigo... – Lelé pegando as patas da garota nacional.

- Como! Tão depressa assim, nem nos conhecemos... Nossa, você é avançadinho! – soltando-se das patas de Lelé com rigidez.

- Oh, querida! É o amor...

- Antes de tudo temos que sermos amigos... depois saporar, em seguida sapoivar, aí sim: pensarmos em casamento. Não sou destas moças moderna que vai logo se entregando, sou a moda antiga...

Lelé não perdeu a oportunidade e deu um beijo na face rosada de Xuxa. Que envergonhada, lascou-lhe uma bofetada na cara, desabafando:

- Sem-vergonha, safado... Mamãe disse que beijos antes do casamento dão sapinhos!

- Bobagem... perdão, adeus! – decepcionado, Lelé ensaiava a retirada de cena, com os olhos cheios de lágrimas.

- Espere, não se vá! Acho que estou gostando de você!

- Que bom! Que bom! – saltava tão alto de alegria, que deu com a cabeça numa árvore, ganhando um galo e caindo no charco.

- Nossa, coitadinho! Machucou-se... – aproximou-se do sapo inerte, abraçou o corpo estendido e o beijou com ternura – Que azar! – Xuxa imaginou o pior e abriu a boca de um canto ao outro, chorando - Esperei por toda vida pelo meu príncipe e, quando ele aparece, falece.

- Crec, crac, crec, crac... - coaxava de júbilo o sapo, erguendo-se.

- Você é mesmo um cafajeste! Aquilo que eu disse é pura mentira, não gosto de você!

- Você é que está mentindo! A verdade é que estamos apaixonados! Vamos unir nossos trapos e viver para sempre juntos...

Lelé colheu uma flor silvestre e a ofereceu-a, dizendo:

- Uma flor para uma flor. I love you!

- Obrigada! Tenho que admitir que estou te amando. Você tem que pedir minha pata em casamento ao meu pai. Se ele permitir, casaremos, mas, se ele não for com a sua cara, caia no mato e corra ou será um defunto. Papai já nocauteou três indivíduos que queriam matrimoniar comigo. Ele é muito severo e cruel, mesmo assim, eu o respeito e o quero bem.

- Cacetada! Eu entro em cada fria! Grup... – engolindo seco – Então vamos fugir para bem longe!

- Não! Se você me ama, terá que enfrentar tudo e todos. Evadir é coisa de covarde...

- Refletindo melhor, deixa este romance para uma outra ocasião de uma outra história de um outro autor...

- Medroso! Afinal, você é um sapo ou uma meleca?

- Prefiro ser uma meleca viva a um sapo empacotada no fundo da terra!

O amor é a razão de todo o sucesso. Lelé não pôde resistir aos atributos do sexo oposto, cheio de coragem foi ao encontro do sogro. Adentrou pelo brejo, um lugarejo sombrio e tenebroso, coladinho na amada. Quando deparou com um monstro: era o sapão Sabão. Um sapo-cururu de corpo abrutalhado e pele coberta de verrugas, de cor pardo-escuro com manchas. Três vezes maior que Lelé, tinha uma cara de King-Kong, pitava um cachimbão feito de talo de mamona.

- Quem é o forasteiro, filha?

A voz do monstro era tão grave que o brejo, mais conhecido como o Burraco-do-Sapo, estremecia como se fosse um abalo sismo. Lelé tremia mais que uma vara verde, o coração chegou até congelar de tanto medo.

- Pai, este é o Lelé, ele quer falar com o senhor.

- Certo, sou todo ouvido – disse Sabão soltando uma baforada de fumaça na cara de Lelé.

- Eu... bem... só queria conhecer o sapo mais forte e poderoso do mundo. O senhor é o máximo! Como é forte! Parece até com aquele artista do cinema: Schawarzenegger! – pensou: "Pelo menos a cara!" – novamente Lelé abusa de sua sabedoria. Com falsos elogios conquista a confiança do assombroso Sabão.

- Falaste certo, filho! Até que enfim estou ficando conhecido – disse o sapão todo envaidecido.

- Realmente o senhor é grandioso e inteligente, o orgulho da nossa raça!

- Gostei de você, baixinho! Quero lhe dar um presente, uma jóia muito preciosa... Quero que receba minha querida filha como esposa... Finalmente encontrei um cabra macho que a mereça.

- Não, não! Não sou digno de tanta honra... – fingindo-se humilde.

- Seu tonto, mentecapto, o quê está dizendo? – cochichou Xuxa no ouvido de Lelé.

- Como ousa não aceitar! Arremessarei você para o inferno, nas garras do sapanás, não sobrará nem uma pena sequer para contar seu passado! – furioso, gritou Sabão.

- Pai, sapos não tem penas!

- Eu sei, filhinha! O tampinha entendeu muito bem o que quero dizer...

- Sim, claro! Já estou me sentindo como uma ave despenada! Senhor, não perderemos a oportunidade, casaremos!

- Como selo deste compromisso deverá fumar este cachimbo. Nunca deixei ninguém tocar no meu cachimbo, você é o primeiro e o último.

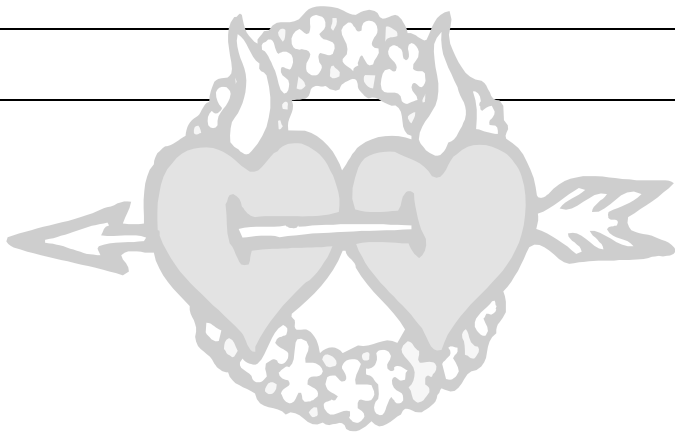
- É muita glória só para um dia! – disse Lelé, recebendo o cachimbo.

Lelé meio sem jeito deu uma tragada e... que desastre! – tossiu, tossiu... tanto, que pensou: "Como alguém pode fumar uma desgraça como esta, que coisa desagradável! Faz um mal danado pra saúde. Nunca mais vou por a boca neste negócio, nem se for obrigado como agora. Se meu Criador quisesse que eu fumasse com certeza criaria na minha cabeça uma chaminé bem bonitinha para liberar a fumaça." – Que patada sô! Se eu não morrer desta vez, casarei contigo – comentou Lelé no ouvido da amada.

Após alguns meses de namoro e noivado, aconteceu a grande festança no brejo. Tudo foi muito organizado e decorado. Mil vaga-lumes iluminaram a noite. Todos os sapos foram convidados, até convidados internacionais compareceram como o astro principal dos Muppet Show, o Caco. Infelizmente ninguém da família de Lelé se fez presente. Ainda girino, foi capturado pelo circo e nunca mais teve contato com seus genitores. Xuxa usou um vestido tradicional, branco como a neve, com uma longa cauda toda bordada. Confecção exclusiva do renomado figurinista Clodô, seu tio. (Ex-boxeador, campeão mundial dos pesos pesados. Conhecido como o demolidor – quebra-ossos. Colocava seus adversários para beijar a lona sempre

por nocaute, tamanha a violência do seu cruzado. Mas, na última luta em disputa pelo titulo, já enfim de carreira, acabou tudo. Recebeu de seu oponente um torpedo na moleira, que ficou uns três dias adormecidos. Por milagre, surpreendendo os médicos: renasceu. Acabado, longe da mídia, resolveu ser costureiro para novamente alcançar os holofotes da fama, os flash das maquinas fotográficas e engordar as contas bancarias. Afinou a voz, cheio de trejeitos, usando saltos altos e outras coisinhas mais - porque brinco sempre usou.) Lelé trajou uma cartola preta, com paletó azul marinho e uma gravata borboleta, viva. Madame Boleta uma borboleta dourada, presenteou o noivo com algo inédito, pousou no colarinho da camisa com as asas abertas durante a cerimônia. Todos ficaram fascinados. O celebrante foi o pastor Urubolino, conhecido como galinha do céu. O sermão demorou tanto que alguns convidados acabaram adormecendo. Na hora de colocarem as alianças a mãe de Xuxa chorava de emoção. Finalmente, entre varias filhas, a caçulinha era a primeira a casar-se e quem sabe a única. As outras filhas eram mães solteiras e feias de fazer calo nas vistas; cada uma tinha mais de cem girinos. Música e dança foi o que não faltou. Uma sapa deslocou a coluna de tanto dançar. Sapão Sabão tocou trombone sem cessar. De tanto soprar o instrumento, ganhou um avantajado papo. Prepararam um enorme rega-bofe. Coitado dos mosquitos e moscas, foram os pratos prediletos, acompanhados do legítimo champanhe francês.

A celebração entrou pela madrugada com muita agitação e exultação, encerrando-se com o sol raiando. Parecia até que no brejo tinha acontecido um show de rock roll, tamanha bagunça e sujeira.

A LUA-DE-MEL

Nos fundos do Buraco do Sapo havia até ontem uma estação ferroviária. Uma vez por dia passava uma velha maria-fumaça. A caldeira funcionava na base da lenha, várias vezes os passageiros tinham que apanhar galhos secos para alimentar a locomotiva, que não conseguia puxar os vagões. Tudo era motivo de regozijo: as fagulhas que chegavam a queimar como brasa de cigarro ou até as janelas emperradas. O trenzinho caipira como era popular, tinha um ritmo que ajudava a embalar qualquer situação de insônia. Os recém-casados de nossa aventura decidiram comemorar uma vida a dois com uma turnê no trenzinho.

- Se vocês vão viajar, estão atrasados, o trem está para partir – disse Sabão, apontando para a locomotiva.

- Então vamos... Sogrão, obrigado por tudo... – dizia Lelé, recebendo um abraço apertado do sogro, destes de triturar costelas.

- Que emoção! Lua de mel num trem é tremendo! – vibrou Maria do Brejo, prima de Xuxa, eleita recentemente: Miss Sapa Verão.

- É horrível! Que gosto! Locomover-se em um trem de ferro é chato à beça, é muito barulho e fumaça, dói à cabeça. Este sucata de museu balança demais, deixando a gente zonza – comentou Clodô, desmunhecando-se.

Após as calorosas despedidas, Lelé pegou as malas e perguntou:

- Amor... aqui está toda bagagem?

- Acho que sim.

- Não esqueça o seu biquíni, vamos tomar aquele banho de mar e bronzearmos! Você está muito verde!

- Vamos a praia?

- Espero... Seu pai disse que este monte de aço nos levará próximo ao oceano.

Xuxa abraçou afetuosamente a mãe, prestando atenção nas últimas palavras da mesma:

- Filhinha do meu coração, cuidado, não deixe ninguém machucar seus sentimentos. Estes machões antes de acorrentar-nos são uns docinhos de coco, prometem-nos o céu e a terra, serem fiéis até a morte e carregarem água na peneira; mas, com o passar do tempo só sabem mandar e xingar. Esquecem as palavras melodiosas, e as juras de amor eterno. Acham que somos suas escravas, esquentando a barriga no fogão e esfriando-a no tanque de roupa, enquanto eles ficam de papo pro ar comendo moscas. - Madame Gibrina era líder da liga nacional do movimento feminista. Sempre lutando pela emancipação dos direitos das pererecas.

- Vamos, vamos... O chefe está apitando... Agora sei o porque os genros amam tanto as sogras! – exclamou Lelé, puxando a pata da amada.

Em clima de pura emoção, o casal deu um salto tríplice até a plataforma de embarque, driblou os passageiros, entrando no segundo vagão, acomodando-se num cantinho debaixo de uma poltrona. De longe ainda ouvia-se os berros de mãe Gibrina.

Os clandestinos partiram para o desconhecido. Quase não suportaram o barulho, o balanço e o calor, que

provocaram náuseas e medo. Mas, aos poucos se adaptaram e passaram a se divertirem com a situação tão incômoda. Decorridas horas entre tapas e beijos, de sono e sonhos, de curtição e cansaço; decidiram sair debaixo da poltrona a procura por alimentos. Os estômagos estavam que nem briga de gatos em noite de verão sobre o telhado de zinco: rosnando de tanta fome.

- Vamos, cuidadosamente, para não sermos flagrados – disse Lelé puxando Xuxa por entre os assentos, pé ante pé.

Quase foram esmagados por uma pesada de um homem gordo, que mais parecia um elefante.

- Como penamos na terra destes humanossauros que se dizem racionais! Quase que por uma fração de segundo escapamos de realizar uma lua de mel no além – disse Xuxa.

Enquanto atravessavam de um lado para o outro em busca de uma mariposa morta, foram vistos por uma mocinha que subiu na poltrona gritando, alucinada:

- Sapos, socorro... bichos nojentos... – gritava com tanto vigor que os vagões quase descarrilharam-se.

O sururu invadiu a atmosfera que era tão pacata. O senhor elefante que estava de gracejos para cima da donzela, não perdeu a oportunidade de tornar-se herói, pôs-se a capturar os sapos. Agarrou a Xuxa que, por milagre escorregou-se por entre os dedos gordos como uma barra de sabão. Lelé não teve outro recurso a não ser lançar mão de sua defesa natural. Esguichar um líquido venenoso localizado atrás de seus olhos nas glândulas parótidas em direção do rosto do gorducho, que ficou por alguns instantes paralisado e ofuscado. Os sapos atravessaram a janela e esborrachando-se no solo, deixando toda bagagem. Observaram com tristeza quando a maria-fumaça sumiu no horizonte.

- Cómo somos famosos! Todos queriam agarrar-nos!

- Que piada sem graça! Se não fosse aquela tagarela não estaríamos com fome e perdidos – disse Xuxa sacudindo a poeira do corpo.

- Estes humanos são mesmo esquisitos, sempre perseguindo-nos. Não causamos dano algum a eles, pelo contrario: somos benfeitores da natureza.

- Eles têm nojo de nós batráquios. Acho que somos os seres mais horrendos da criação...

- Amorzinho, não é verdade... Eles é que são repugnantes! São descendentes dos bichos peludos: os macacos. Para ficarem menos feios usam muitas roupas, as fêmeas pintam o rosto e as unhas. Veja só: como você é bela e eu o sapo mais gostoso do pedaço!

- Boboca... O que vamos fazer? Estamos lascados neste fim de mundo, famintos e sedentos por um pingo d'água.

- Ah! Ainda bem que tenho os óculos para proteger os meus olhos azuis deste sol de rachar mamona... Vamos lutar pela vida, dar uns saltos e cambalhotas por este deserto de areia, com certeza encontraremos algo, como: salvação.

Saltaram... saltaram... com agilidade. Também não era por menos, a areia estava fervendo. Após muita adversidade encontraram um sujeito misterioso e diferente de tudo que até então tinham visto. Careca, com uma carapaça achatada cobrindo o corpo, pés palmados e cauda.

- Lelé, o que é aquilo, com uma bacia nas costas andando tão lentamente como uma lesma? – perguntou Xuxa, abraçando o esposo, receosa.

- Ahn! Eu daria tudo neste momento por uma lesma fresquinha, que gostosura! Quanto aquilo, não sei... vamos aproximar para conhecê-lo.

- Pode ser perigoso, pode nos devorar1

- Não creio, parece manso.

Cautelosos, aproximaram-se do réptil.

- Bem-vindos peregrinos esverdeados!

- Como sabe que somos verdes, com esta lua de meio dia e esta poeira miserável estamos irreconhecíveis – comentou Lelé.

- Fale alto, não ouço bem... O tempo está levando minha audição.

- Eu sou Lelé e esta é minha esposa Xuxolinda...

- Que isso Lelé! Não conhece meu nome? Meu nome é Xuxolina, mas pode chamar-me de Xuxa...

- Muito prazer! Sou o vosso servo Tarto Uga...

- Meu camarada, estamos perdidos... Não há algo para comermos, não há por aqui nem uma lanchonete do Mac Donald? Estamos sem força até para respirar, não sei se vamos suportar – disse Lelé narrando toda sua trajetória, exaurido, desmontado na areia.

- Estão com sorte, tenho aqui em casa um pouco de comida e Coca-Cola, vocês aceitam?

- Não é preciso nem perguntar... – respondeu Lelé com o estômago mais vazio do que bolso de pobre.

Tarto Uga encolheu-se para dentro da sua carapaça e preparou um lanche.

- Nossa Lelé que gozado, ele carrega a casa nas costas...

- Silêncio, ele está saindo...

- Aqui está... sirvam a vontade, desculpem-me, mas, eu só tenho comida light, estou fazendo regime para perder um pouco a barriga, estou precisando de espaço dentro de minha casa. Como não posso aumentá-la, eu tenho que dar um jeito de encolher...

os sapos devoraram tudo, como se fosse a última alimentação de suas vidas.

- Muito obrigado, amigo! Nunca esqueceremos o que fizeste por nós... – disse Lelé.

- Mancebos, tenho uma ótima notícia, vocês não estão perdidos, estão exatamente no lugar onde sonharam...

- Eu nunca sonhei com o deserto! Nem em pesadelos planejamos estar no Saara, neste lugar todo árido. – disse Xuxa, fazendo careta.

- Nós estamos na praia! Na praia das tartarugas...

- Que bom! Mas espere um pouco, só vejo areia e sol! – desconjurou Xuxa.

- É verdade. Mas, é só caminhar alguns metros à frente e contemplar um mundo de água, que vocês nem podem imaginar.

- Beleza! - gritou Lelé. – mas, nem só d'água vive um sapo, e comida?

- Evidente! Há muita coisa gostosa para alimentarmos: insetos, peixinhos, algas... Vocês não devem devorar nossos ovinhos enterrados na areia, é assim que perpetuamos nossa espécie.

- Pode ficar tranqüilo... É por isso que aqui é a praia das tartarugas? – perguntou Xuxa.

- Sim. Existem atualmente milhões de tartarugas, no passado éramos milhões de milhões. Os humanos têm nos consumido desumanamente. Até os nossos cascos são usados por eles na fabricação de objetos de adornos.

- Sempre estes humanos... acham que só eles merecem viver. Qualquer dia deste vou fazer uma revolução, reunir todos os sapos e declarar guerra. Assim como nossos antepassados realizaram no antigo Egito, na segunda praga – Lelé protestava veemente, igual aos políticos na oposição em ocasião de eleição.

- Aposto que neste exercito você será o general! – satirizou Xuxa.

- Errou! Serei o grande Moisés, o libertador...

- Felizmente aqui estamos seguros nesta reserva ecológica. Poucos homens freqüentam este local. Estes são diferentes, bonzinhos, nossos protetores, lutam para preservar a fauna.

- Sinto que encontramos o paraíso... Tarto Uga, vamos a beira-mar? Quero tocar esta maravilha...

- Cuidado com o mar, senhor Lelé. O mar é bravo e agitado. Não cheguem perto, é perigoso, podem morrer afogados. Há não ser que saibam nadar...

- Sabe com quem está falando? Com o campeão mundial de natação olímpica...

- Deixe de lorotas seu marmota, vamos... – disse Xuxa, arrastando Lelé.

- Podem ir, depois encontraremos pura aí. Tenho que continuar meu treino diário. Gosto de correr por esta praia, apreciar esta calmaria, realizando meu cooper. Estou preparando-me para a corrida de fim de ano: São Silvestre.

Despediram-se, mais adiante Xuxa exclamou:

- Se o Tarto Uga está fazendo cooper, como será seu andar? Deve ser que ele anda parado! Se ele participar da São Silvestre deste ano talvez consiga chegar em último lugar no ano que vem.

- Também pudera, carregar aquele peso todo nas costas não é moleza...

Não demorou quase nada, eles estavam no mar desfrutando dos prazeres do verão. Pela primeira vez tomaram banho de mar, saciaram-se com os mais apetitosos insetos do litoral, divertiram-se como criança. Lelé até tirou uns mergulhos profundos, agitando o coração de Xuxa. Aprendeu a surfar, deslizando-se nas ondas de pé sobre pedaço de isopor. Curtiram momentos inesquecíveis; a não ser no dia que Lelé foi picado por um caranguejo, quase teve a poupança arrancada. O anuro parecia um atleta com seus óculos, esticado na areia. O bicho era mesmo descarado, às vezes esquecia que era casado de aliança e papel registrado em cartório. Quando Xuxa não estava por perto ele flertava todas as fêmeas não importando com a espécie. Lelé adorava mesmo era paquerar uma perereca gorduchinha chamada Gabiroba. Algumas vezes Xuxa flagrou o marido passando bronzeador em Gabi, e não gostou, saía de tapas e beliscões por todos os lados. Xuxa só ficou tranqüila assim que Gabi conquistou o coração de Jaburu, um sapo-boi, salva-vidas.

As ondas rolavam num vai e vem interminável, a gaivota tirava seu vôo rasante, o sol brincava de esconde-

esconde com a lua... A ausência de aventura, a rotina, a saudade, fizeram com que os turistas pusessem as patas na estrada. Despediram-se dos novos amigos de volta ao brejo. No caminho reencontraram a carapaça do Tarto Uga quase no mesmo lugar. Lelé olhou, examinou de um lado para o outro e observou que a carapaça estava vazia, pensou que a tartaruga tinha morrido ou quem sabe, fora despejada por não ter pagado o aluguel. De repente apareceu aquele bicho pelado, engraçado, todo enrugado, parecia um frango refrigerado: tinha ido tomar um banho. Envergonhado, mais que depressa reassumiu sua couraça acinzentada. Xuxa envergonhada, exclamou:

- Quê coisa minha gente, ele estava pelado!

- Às vezes eu gosto de tomar um ar fresco, sou adepto do naturalismo... Como foi o passeio, gostaram?

- Supimpa! Curtição pra sapo nem um botar defeitos. Agora enfrentaremos novamente este deserto até aos trilhos de ferro, na esperança de encontrarmos o trem de volta a nossa cidade – disse Lelé.

- Não se preocupem, o trem sempre vai e volta. Quero ajudá-los, subam em minha carapaça que os levarei aos trilhos...

Acomodaram-se como puderam sobre o centenário. Mais vagaroso que um bicho-preguiça se arrastava pela areia, deixando um rastro de desanimo nos passageiros. A certa distância o casal saltou, Lelé, delicadamente, procurou uma boa desculpa:

- Meu amigo, agrade muitíssimo por tudo que vem fazendo por nós, não queremos dá-lhe mais trabalho. Nós vamos pulando, senão acabaremos adormecendo...

- Compreendo... podem ir correndo, daqui a pouco escurecerá...

- Ah se todos fossem iguais a você: a terra seria pura bondade! – disse Xuxa, beijando carinhosamente a face do velho.

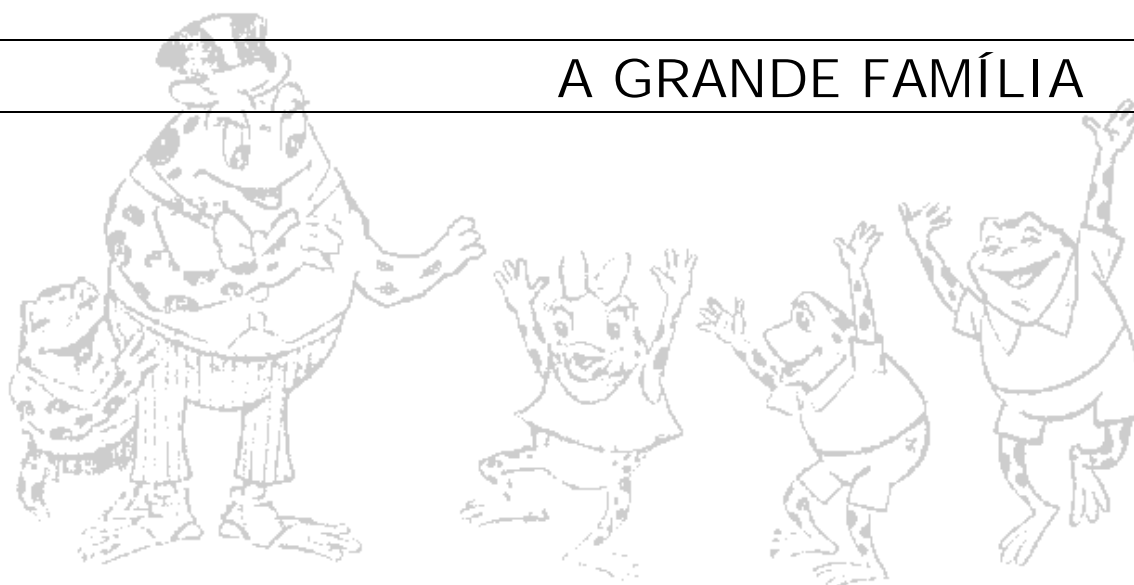
- Boa sorte, breve voltaremos – disse Lelé, abraçando o amigo e afastando-se.

- Felicidades... – ao longe gritava a tartaruga – Vocês terão notícias minhas, quando eu vencer a maratona na passagem do ano...

Lelé filosofou com a sua amada sobre o Tarta Uga:

- Vejo que por tamanha feiúra, Deus o recompensou com uma bondade fora do normal...

Enfim chegaram à via férrea. Após horas de espera a maria-fumaça chegou. Ambos num salto magnífico conseguiram adentrar no vagão de cargas. O retorno foi tranqüilo sem surpresas. Ao desembarcarem na estação Xuxa correu desabaladamente aos abraços da mãe.

A GRANDE FAMÍLIA

Fim da lua de mel... aonde construir um lar? Quem casa quer casa. Resolveram armar barraca no brejo por algum tempo. Mas, os desentendimentos entre genro e sogra eram cada vez mais constantes...

- Minha filha, tinha que escolher como companheiro uma praga como esta! Nunca vi alguém tão vagabundo, malandro... Até pra levantar a bunda do charco ele reclama! – dizia sempre dona Gibrina.

Lelé já estava com a cabeça inchada, traumatizado, de ouvir a voz da velha. Para que não houvesse o divórcio,

Lelé propôs a Xuxa que mudassem para um lugarejo bem distante do brejo, aonde não sentisse o cheiro da sogra. Segundo o genro a mexeriqueira catingava mais que ovo podre. Descreveu a sua auxiliadora idônea as vantagens de se viver na hortinha do Zezé: água fresca e sombra. Xuxa a princípio não concordou, mas, acabou aceitando. Uma esposa a moda antiga, submissa.

No dia em que o sapo retornou a horta todos festejaram. Balançaram de alegria ainda mais, quando conheceram a nova moradora: senhora Xuxolina.

- Que encanto! Que lindo laço na cabeça!... Que fofura! – exclamou dona cenoura, toda sorridente.

- Estávamos com saudade do amigo – disse a couve.

- Sei não! Sei não! Um é demais, dois é insuportável! – o jiló como sempre amargo, desconfiado.

- Oh, compadre! Deixe de ser tão chato... Você desconfia até da própria sombra – reprimiu o chuchu – Venham, há lugar para todos.

O casal encontrou na horta muita paz. Passaram horas inesquecíveis: só love. Era abraços, beijinhos, sapada pra lá e pra cá. Os tomates verdes ficaram vermelhos, constrangidos, com as cenas impróprias para menores.

Após alguns meses, os sapos resolveram construir uma saparia. De desova em desova nascia um monte de girinos. (O girino parece um peixinho muito feio que sai do ovo. Passados alguns dias, nascem duas patas perto da cauda, depois mais duas patas na frente. A cauda diminui, e finalmente: não é mais um girino e sim um sapinho.) Era o Verdinho; o Caco; a Bolota: redondinho como uma pelota; a Cheirosa: nome adquirido após levar uma vidrada de perfume jogado pelo irmão de Zezé; o Bocão: sempre chorando; ainda tinha a Pestana; a Molhada; a Lelo; o Biruta; a Peralta; a Mancha Negra: certa vez caiu dentro de uma lata de tinta cor preta. Eram tantos e tantos que os pais não sabiam como reconhecer os filhotes pelos nomes e alguns sapinhos, até então, não tinham recebido um nome.

A família crescia, crescia... sapos para todos os gostos. Como os insetos eram poucos para tantos, eles puseram-se por absoluta necessidade devorar as folhas. Chegou a lei pela sobrevivência. Quando os sapinhos começaram a devorar o tomateiro, este tentou continuar vistoso: deu uma tomatada no Verdinho que está grogue até hoje. Juntaram todos, principalmente a Peralta e arrasaram o tomateiro. As frágeis hortaliças gritavam, choravam, clamavam, brigavam bravamente... faziam tudo que podiam, mas, era inútil.. Os sapos papavam os vegetais com prazer. A abóbora, toda obesa, protestou antes de ser sopa de sapa:

- Eu sonhei estar na panela, cheirosa, temperada, com as crianças saboreando-me e dizendo: Que delícia! Nunca pensei que este seria meu trágico destino: encher a pança destes diabinhos.

O Bocão foi com todo apetite pra cima do jiloeiro e se deu mal, saiu cuspindo e berrando:

- É veneno, fui envenenada!...

- Tem horas que é doce ser amargo – comentou o jiló, pela primeira vez sorrindo.

A Bolota deu uma bocada numa cebola e os seus olhos encheram de lágrimas, então comentou com seus pais:

- Agora eu sei como as atrizes das novelas mexicanas fazem para chorar...

A horta estava chegando ao fim. As folhagens rasgadas, furadas, desbotadas; os legumes sugados e deformados, acabavam apodrecendo e caindo. As ramagens do chuchu estavam secas, de tantos os sapos gangorrearem, imitando o Tarzan. Não adiantava alguém implorar pela sobrevivência, Lelé só pensava no bem estar da sua família, todos saudáveis e felizes. Ao entardecer, a sapada realizava concertos desconcertantes. Sapo Lelé era o maestro, Xuxa a pianista de desafinadas melodias. Cada sapinho tocava um instrumento. Que tormento! Nunca se ouviu em todo o universo uma orquestra tão desentoada.

Zezé atordoado, com tanta poluição sonora, sem saber como eliminar os coaxantes, pediu ajuda ao seu vizinho Marião. O ancião tinha em sua companhia uma fera, que era mais veloz que um avião, mais feroz que um leão: um cão vira-lata. Era o único amigo do velho, sempre fiel e atento a defendê-lo. Atendia pelo nome de Sorriso. Tinha os dentes maiores que a boca, mesmo quando zangado parecia estar sorrindo.

A besta foi solta na horta. Os sapos, atordoados, saltavam para todos os lados, fugindo das dentadas do sanguinário. Lelé não conseguia proteger sua família. Sorriso deu uma mordida bem localizada no sapinho Biruta, que por pouco não teve uma pata amputada. Correu atrás do Verdinho que amarelou. Acuou num canto a pobre Xuxa. a mãe padecia socorro. Lelé, desesperado, tentou esguichar seu veneno, não conseguiu, o cão era muito ágil. Xuxa pegou uma pedra e atirou-a violentamente, acertou em cheio a dentadura do cão, que perdeu dois dentes. O banguelo esqueceu-se da Xuxa por um instante e partiu para cima de Lelé. O sapo conseguiu esconder-se dentro de um tênis velho e rasgado. Duro foi suportar o odor. O cão, machucado, sangrando, latindo de dor, saltou o muro e foi tratar do ferimento.

Lelé e Xuxa não tiveram outra alternativa, ajuntaram os filhotes e mudaram-se para o brejo. Na atual conjuntura era melhor enfrentar a jararaca da sogra do que ser morto por um cão bobalhão. A sogra é que desta vez não tolerou e mudou-se do brejo para sempre.

Marião cuidou dos ferimentos do sorriso, este imediatamente retornou a horta determinado a acabar com todos. Mas, era muito tarde! A família sapense já tinha se mudado e não deixou o novo endereço. O cão, frustrado, voltou para casa com o rabo entre as pernas, foi padecer seu sofrimento. Acabou morrendo deprimido com sede de vingança.

Numa manhã qualquer... Zezé concluiu que a horta estava dando-lhe muito trabalho e pouco lucro. A maioria

das hortaliças estavam secas, sem vida. Também era época de provas, precisava estudar bastante. O menino pegou uma enxada e carpiu o quintal, limpou tudo. Era uma vez uma hortinha! Agora sua mãe compra as hortaliças no mercadinho do João Banana. Depois, Zezé arrumou uma tela e alguns pedaços de paus e construiu um galinheiro. Decidiu que de agora em diante só vai criar galinhas.

Ontem, Lelé voltou para apanhar os óculos que esquecera. Quando lá chegou foi surpreendido, encontrou umas galinhas e um galo fogoso chamado Botafogo, usando os óculos. O sapo quis reaver os óculos e levou uma profunda bicada na cachola que tão cedo não poderá usar cartola.

Lelé desabafou:

- Este mundo está perdido, maluco, é o fim da picada, onde já se viu um galo usar óculos! Se eu contar ninguém vai acreditar! ISTO É INCRÍVEL!

FIM

Dados sobre o Autor e sua Obra

GILSON MARTINS nasceu em Minas Gerais a 15.07.1961. Gosta de escrever contos infanto-juvenis. Trabalhou 20 anos como Serralheiro. No dia 29.11.1999 foi acometido de um grave acidente de trabalho. Por muito pouco não teve o braço esquerdo dilacerado por uma lixadeira. Impossibilitado para o trabalho, passa o tempo escrevendo. Na tragédia abriu-se uma porta de sonhos e imaginação sem fim. Sempre residiu em Belo Horizonte.

GILSON DE FREITAS MARTINS
Rua Desembargador Saraiva, 665 – Bairro Vera Cruz
CEP 30285-150 – Belo Horizonte - MG
E-Mail: gcb1@ig.com.br